

Rita Garcia

# Os Que Vieram de África

**OFICINA  
DO LIVRO**



# ÍNDICE

Nota introdutória .....	17
I. Fuga para o frio .....	21
II. A queda do império .....	29
III. Na metrópole sem ninguém.....	43
IV. Emergência nacional .....	61
V. A vida numa terra estranha .....	87
VI. Golpes de sorte .....	97
VII. Mudanças radicais .....	117
VIII. A luta pela sobrevivência .....	141
IX. A vida nos hotéis .....	161
X. Sair de Portugal .....	185
XI. Esconder o passado.....	201
XII. Um teto para morar.....	215
XIII. A integração possível.....	233
Agradecimentos .....	251
Notas .....	253
Bibliografia .....	267



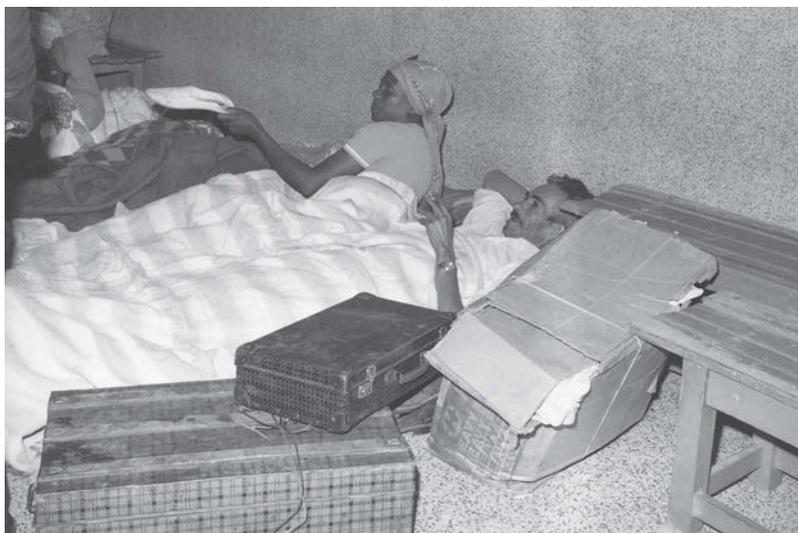
Caixotes com bagagem das ex-colónias no cais da Gare Marítima de Alcântara



Crianças vindas de África numa escola ocupada em Carcavelos



Desalojados de Angola esperam por assistência em Lisboa



Alojamento improvisado na Colónia Balnear O Século



Uma pausa para comer no meio dos protestos

# I

## FUGA PARA O FRIO

Todos os dias, Irene Lopes chegava à escola a chorar de frio. Saía de casa ainda noite escura, muitas vezes em jejum, e caminhava até à Guarda durante uma hora por campos cobertos de neve. Para uma miúda de onze anos que, como ela, só conhecia o calor de Angola e não tinha abafos grossos para se agasalhar, o percurso era uma autêntica tortura. Nos primeiros tempos, o dinheiro era tão escasso que nem chegava para comprar sapatos fechados. Irene calçava as sabrinas de verão trazidas de África, a que a mãe cortara a biqueira para acompanharem o seu crescimento. Foi assim por algum tempo até os pais arranjam botas de borracha pretas para ela e para o irmão.

A família aterrara em Lisboa em 11 de novembro de 1975, o dia de independência de Angola, vinda da África do Sul, num *Boeing 747* da TAP, depois de três meses em campos de refugiados à espera de viagem para Portugal. A fuga começara em agosto e obrigara-a a sair à pressa do Cuemba, no distrito do Bié, no centro do território, para chegar a tempo de apanhar a célebre coluna do senhor Serra, que estava prestes a partir de Nova Lisboa (Huambo).

Na data prevista, os Lopes juntaram-se à caravana de mil e quinhentos carros e partiram rumo ao Sul, numa atribulada viagem de mais de mil quilómetros que cruzou as Terras do Fim do Mundo para atravessar a fronteira com a Namíbia em segurança. Foi um caminho sem retorno: a vida como a conheciam terminou no dia em que entraram no campo de refugiados de Rundu, onde já havia centenas de famílias.

Não houve como evitar o choque dos primeiros dias, mas à medida que as semanas avançavam, apesar de dormirem no atrelado de um camião e dependerem da caridade de outros para quase tudo, a família de Irene juntava-se às outras e procurava manter vivo o espírito positivo que caracterizava a sociedade colonial angolana. Havia churrascos para assar a carne que os homens caçavam e o peixe apanhado em rios e lagos das redondezas. De vez em quando, dançava-se.

Poucos meses depois, esmagada pelo rigor do inverno beirão, Irene recordava a passagem pela Namíbia como a saída do paraíso. Percebeu que dali em diante o futuro seria incerto, embora nunca imaginasse que havia de morar numa casa de pedra com tantas falhas na parede que se via a rua e onde fazia tanto frio como lá fora.

Antes de se instalarem na Quinta da Forca Velha, perto da Guarda, Irene, os pais e o irmão passaram quinze dias no Norte, em casa de familiares de um amigo de Angola. Preferiram procurar o único contacto que traziam do que ficar alojados por conta do Estado, como muitos outros. No aeroporto, o pai de Irene, José Célio Lopes, ouviu falar do Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN), o organismo público criado, em 31 de março de

1975, para dar resposta aos problemas de milhares de refugiados das ex-colónias que iriam chegar a Portugal e desenvolver políticas com vista à sua integração no país.

Por uma questão de honra, só aceitou receber do IARN algumas roupas e o pagamento do transporte de Lisboa para Piães e dali para a Guarda, quando soube que o cunhado Cipriano ali arrendara uma velha quinta abandonada e decidiu ir ao seu encontro. A casa estava decrépita, não tinha água nem luz e entrava chuva pelo telhado, mas era acessível ao magro rendimento da família e os quatro quartos davam para todos.

Chegaram a ser doze: Irene, os pais, o irmão, os tios Helena e Cipriano, os primos Carlos, Vítor e Maria, a tia Manuela, solteira, o avô João e a avó Ilda. Cada casal tinha um quarto; os miúdos e a tia mais nova ficavam numa assoalhada com duas camas separadas por um corredor demasiado estreito para alguém circular. Era lá que se colocava a braseira, na esperança de que o carvão incandescente anulasse o efeito das correntes de ar gelado que se sentiam por todo o lado. A concentração de monóxido de carbono num espaço tão pequeno só não foi fatal porque as paredes tinham buracos tão grandes que permitiam a exaustão dos gases.

Os seis dormiam três a três, muito apertados entre tijolos apanhados na lixeira vizinha, aquecidos na lareira e enrolados em panos para manterem o calor madrugada dentro. Sem mantas nem sacos de água quente suficientes, era a única maneira de ficarem com os pés quentes até de manhã.

Além de cobertores, o IARN dera-lhes alguns agasalhos que os aconchegavam, mas raramente lhes ficavam

bem. «Lembro-me de a minha mãe usar saias e blusas frescas por baixo de um casaco de astracã<sup>1</sup> puro até aos pés. Era tão ridículo...»<sup>1</sup> Irene, por seu lado, vestia tudo o que apanhava: qualquer coisa havia de ser mais quente do que as camisolas de costas decotadas e as calças boca-de-sino que trouxera de Angola.

Aos poucos, a família tornou a casa menos inóspita, embora todos se lembrassem do esforço para conseguir um nível de conforto mínimo. O chão de tábuas corridas estava tão podre e imundo que fora preciso esfregá-lo com ácido para o desencardir e exterminar a praga de insetos e aranhas que tomara conta do soalho. As mulheres lavavam a roupa no poço e iam ao furo buscar água para cozinhar e limpar.

A vida na Quinta da Forca Velha não podia ser mais diferente do que a que haviam tido em Angola. Lá, quem se ocupava do serviço de casa eram os empregados e nunca faltava nada na mesa. De um dia para o outro, a existência livre, alegre e despreocupada de África desaparecera e dera lugar a uma terrível luta pela sobrevivência.

O pior de tudo era a falta de comida. A tia Helena plantara batatas e couves à volta da casa antes da chegada dos pais de Irene, e aproveitava tudo o que a terra dava para preparar as refeições. De vez em quando, os vizinhos ofereciam qualquer coisa que tornava a dieta mais substancial, mas, na maior parte das vezes, levantavam-se da mesa com fome.

---

<sup>1</sup> Extraída de pelo de ovinos caracul da Ásia central. Extremamente quente, foi levada para a Rússia pelos comerciantes da cidade de Astracã e era usada em punhos e golas, antes de se começar a confeccionar casacos com este material de luxo.

Irene, o irmão e os primos habituaram-se a enganar o estômago vazio com castanhas e maçãs que apanhavam a caminho da escola. Se o pai, o tio e o avô não tivessem arranjado rapidamente uns biscates na casa das madres, na Guarda, a situação poderia ter-se complicado ainda mais.

Uma das freiras que lhes adjudicava tarefas conhecia bem Irene e Vítor: dava-lhes aulas de Religião e Moral e admirava-se verdadeiramente por serem tão bons alunos apesar das condições miseráveis em que viviam. Foi ela quem se apercebeu de que os dois irmãos iam para as aulas sem tomar o pequeno-almoço e, de imediato, mobilizou a congregação para prestar apoio alimentar aos miúdos e aos adultos.

Daí em diante, de manhã e ao almoço, a família passou a comer na cozinha económica da Guarda como pagamento dos serviços que os homens da casa prestavam à comunidade – e a maior de todas as provações chegou ao fim. Irene jamais esqueceu o impacte daquele gesto generoso na sua vida. «Nunca mais me há de saber tão bem um pão com manteiga e um copo de leite quente. Nós dormíamos mal, vínhamos gelados de tanto caminhar. Chegávamos ali e víamos Deus.»<sup>2</sup>

Com a ajuda das madres e algum dinheiro que José Célio, o pai e o cunhado iam ganhando, os Lopes compraram um porco para a engorda, a que davam de comer sem gastar um centavo. Em vez de ração, o animal era alimentado com restos de couves, cascas, fruta e legumes apanhados na lixeira. Lá em casa toda a gente aprendeu a reconhecer os detritos aproveitáveis no meio de enormes montanhas de sobras alheias e desenvolveu uma

forma própria de ignorar o cheiro fétido da matéria orgânica em decomposição.

Tudo o que cada um recolhia era colocado dentro de uma lata de tinta com água, milho ou farinha, e fervido durante algum tempo para reduzir os riscos de contaminação da carne e, conseqüentemente, da família. Foi assim dia após dia até o porco atingir o peso suficiente para ser abatido.

Conservando a carne em salmoura, os Lopes garantiam que durante alguns meses haveria alguma coisa para juntar às batatas e restantes produtos da horta. Aos poucos, recuperavam alguma dignidade, embora a qualidade de vida fosse uma sombra da que tinham em Angola.

Cansado da pobreza extrema de Trás-os-Montes, o avô paterno de Irene deixara a família em Alijó e partira para África em busca de trabalho como canteiro. Conseguiu emprego na Câmara Municipal da Gabela com facilidade e, em menos de nada, tinha a família de novo junto de si: José Célio, pai de Irene, saiu de Portugal com onze anos, exatamente a mesma idade com que a filha chegou à metrópole em 1975.

O rapaz adaptou-se bem à existência da colónia, fez amigos e depressa se apaixonou pela filha de Hamlet Costa, guarda-livros na Companhia Agrícola de Angola e um verdadeiro intelectual, que dera aos filhos nomes de personagens de William Shakespeare. Ofélia conheceu José Célio quando era adolescente e engravidou solteira. Ao contrário do habitual, a família dele reagiu pior do que a dela à notícia e tornou claro desde o primeiro minuto que não via a relação com bons olhos.

A guerrilha movida pelos pais do namorado piorou quando o serviço militar o obrigou a mudar-se para o norte do território e só terminou com o casamento dos dois por procuração. Ofélia juntou-se a José Célio em Nova Lisboa ainda antes de Irene nascer. Um ano e vinte seis dias depois, tiveram outro filho, a quem chamaram Vítor.

À conta da carreira militar de José Célio, os quatro viveram em vários pontos de Angola, do Luso a Teixeira Pinto, do Cuemba ao Ambrizete, quase sempre em casas disponibilizadas pelo exército aos deslocados. Nos bairros por onde passaram, todos conheciam os pequenos irmãos que corriam as ruas, fardados a rigor, com as réplicas dos uniformes da tropa que a mãe lhes costurava – até os comandantes lhes batiam continência.

Nos primeiros anos de casada, Ofélia começou a trabalhar como modista para equilibrar as contas domésticas e num instante ganhou fama e clientela. Recebia as senhoras em casa, deixava-as folhear os últimos números da *Burda* e ajudava-as a encontrar um modelo que lhes agradasse. Era ela quem lhes sugeria os tecidos e tirava as medidas. Depois deitava mãos à obra.

Fazia saias, camisas, calças, casacos e muitos vestidos de chita. Ofélia também cosia todo o vestuário da família, pelo menos até a moda dos fardos de roupa barata vinda dos Estados Unidos deixar de compensar o esforço. Logo que teve dinheiro disponível, Ofélia procurou uma empregada para lavar e engomar a roupa e outra para cuidar das crianças e as levar à escola. Nunca quis cozinheira porque gostava de preparar as refeições.

José Célio deixou o exército, concorreu à administração local e tornou-se chefe de posto ao mesmo tempo

que integrou a Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil de Angola (OPVDCA)<sup>3</sup>, uma força paramilitar criada pelo governo da metrópole para ajudar as forças armadas a manterem a ordem e a garantir que não se repetiriam massacres contra os brancos como o de março de 1961<sup>4</sup> no norte de Angola.

Enquanto esteve colocado no Cuemba, teve sempre boas relações com os habitantes das aldeias da região. A sua participação ativa no isolamento e combate à mosca-tsé-tsé, promovendo a vacinação dos indígenas, fez dele um homem respeitado pelos sobas das redondezas – os chefes tribais pediam-lhe conselhos e os noivos convidavam-no para participar nos seus alembamentos<sup>1</sup>.

Mas apesar da boa convivência com os negros, José Célio percebeu que os brancos estavam a prazo em Angola, sobretudo quando os rumores de ataques e violações se tornaram recorrentes. Na posse de informações privilegiadas, os amigos polícias, militares e políticos recomendavam-lhe muita prudência.

Por precaução, fez contentores de madeira e começou calmamente a guardar objetos que gostaria de enviar para Lisboa quando fosse à metrópole de graciosa, a licença de férias de seis meses a que os funcionários públicos ultramarinos tinham direito de quatro em quatro anos. Depois de acautelar o futuro, voltaria a Angola com a mulher e os filhos e só sairia se fosse obrigado.

Os planos de José Célio desabaram no dia em que um negro serrou a cabeça de Tozé, filho de um casal amigo.

---

<sup>1</sup> Casamento tradicional.

